

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA  
E LITERATURA

FLÁVIA REGINA DOS SANTOS LIMA

**LITERATURA E PRÁTICA PEDAGÓGICA: CAMINHOS PARA A  
FORMAÇÃO DE UMA CONSCIÊNCIA SOCIAL**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

CURITIBA - PR

2018

FLÁVIA REGINA DOS SANTOS LIMA

**LITERATURA E PRÁTICA PEDAGÓGICA: CAMINHOS PARA A  
FORMAÇÃO DE UMA CONSCIÊNCIA SOCIAL**

Monografia de Especialização apresentada ao Departamento Acadêmico Linguagem e Comunicação do Curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná como requisito parcial para obtenção do título de “Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura” -

Orientadora: Profa. Dra. Maurini de Souza

CURITIBA - PR

2018







Ministério da Educação  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação  
Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura



## **TERMO DE APROVAÇÃO**

**LITERATURA E PRÁTICA PEDAGÓGICA: CAMINHOS PARA A FORMAÇÃO DE UMA  
CONSCIÊNCIA SOCIAL**

Por

**FLAVIA REGINA DOS SANTOS LIMA**

Monografia apresentada às 08:25, do dia 25 de agosto de 2018, como requisito parcial para a obtenção do título de especialista no Curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura, Turma , ofertado na modalidade de Ensino a Distância, pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Curitiba. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho **APROVADO**.

---

Maurini de Souza  
UTFPR - Curitiba  
(orientador)

---

CRISTIANO DE SALES  
UTFPR - Curitiba

---

Naira de Almeida Nascimento  
UTFPR - Curitiba



## RESUMO

LIMA, Flávia. *Literatura e prática pedagógica: caminhos para a construção de uma consciência social*. 2018. 26 f. Monografia (Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura) – Curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2018.

A presente pesquisa afirma que o texto literário constitui-se parte crucial na construção de conhecimentos e na humanização do aluno-leitor visto como cidadão crítico-reflexivo e atuante na sociedade da qual faz parte. Durante o período de escolarização, a literatura deve ser apresentada ao aluno-leitor como meio de realização e provocação prazerosa na construção de novos conhecimentos. Desta forma, neste trabalho, o uso de estudos de considerados autores, nessa linha de pesquisa, servirá como suporte teórico para o embasamento científico, visto que, o objetivo geral é, a partir da análise, em especial, de textos de Antonio Candido (1999; 2006; 2011), refletir a contribuição da literatura na construção dos conhecimentos e na humanização discente. Logo, a partir desta apreciação, faz-se um paralelo com a situação atual da sociedade com relação à importância dos textos literários na construção do aluno-leitor cidadão. Nesta reflexão, também serão utilizados três contos da literatura brasileira que foram escolhidos a partir do seu contexto e de sua narrativa: ‘Passeio Noturno’ [Parte I] de Rubem Fonseca (1975), ‘Nós, o pistoleiro, não devemos ter piedade’ de Moacyr Scliar (1968) e ‘Natal na barca’ de Lygia Fagundes Telles (1971); posto que, estes retratam situações do cotidiano da sociedade atual. Para concluir, levantaram-se situações-problema que envolvem a escola enquanto instituição responsável pelo desenvolvimento do aluno-leitor, sendo os professores – em particular, os de Língua Portuguesa – imprescindíveis no processo de humanização e construção de conhecimentos deste aluno-leitor.

**Palavras-chave** Humanização. Conhecimento. Aluno-leitor. Literatura. Sociedade.

## ABSTRACT

LIMA, Flávia. *Literature and pedagogical practice: ways to build a social conscience*. 2018. 26 f. Monography (Specialization in Teaching Portuguese Language and Literature) – Specialization Course in Teaching Portuguese Language and Literature, Federal Technological University of Paraná. Curitiba, 2018.

The present research affirms that the literary text constitutes a crucial part in the construction of knowledge and in the humanization of the student-reader seen as a critical-reflective citizen and active in the society of which he / she is a part. During the period of schooling, the literature should be presented to the student reader as a means of accomplishment and pleasurable provocation in the construction of new knowledge. Thus, in this work, the use of studies considered by authors, in this line of research, will serve as a theoretical support for the scientific basis, since the general objective is, based on the analysis, especially of texts by Antonio Candido (1999; 2006; 2011), reflect the contribution of literature in the construction of knowledge and the humanization of students. Therefore, from this assessment, a parallel is made with the current situation of society with regard to the importance of literary texts in the construction of student-citizen reader. In this reflection, three short stories from the Brazilian literature will also be used that were chosen from their context and their narrative: 'Passeio Noturno' [Part I] from Rubem Fonseca (1975), 'Nós, o pistoleiro, não devemos ter piedade' from Moacyr Scliar (1968) and 'Natal na barca' from Lygia Fagundes Telles (1971); since, these portray situations of the daily life of the present society. To conclude, problematic situations involving the school as an institution responsible for the development of the student-reader were raised, and the teachers - particularly those of the Portuguese Language - were essential in the process of humanization and construction of this student-reader's knowledge.

**Keywords** Humanization. Knowledge. Student-reader. Literature. Society.



## SUMÁRIO

<u>1</u>	<u>INTRODUÇÃO</u>	6
<u>2</u>	<u>A LITERATURA NA FORMAÇÃO DO HOMEM E SUA HUMANIDADE</u>	8
<u>3</u>	<u>A LITERATURA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA</u>	13
<u>4</u>	<u>RESSIGNIFICANDO A OBRA LITERÁRIA</u>	18
<u>5</u>	<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	23
	<u>REFERÊNCIAS</u>	25

# 1 INTRODUÇÃO

Este Artigo se propõe a fazer uma análise crítica-reflexiva sobre como a Literatura brasileira pode ser aplicada hoje nas escolas; respectivamente, também como ela se dá à aquisição do conhecimento e humanização do aluno-leitor. Devido à facilidade de acesso às redes sociais e, o fato destas estarem em evidência, é comum ver pessoas se comunicando virtualmente. Em consequência disso, surge o seguinte questionamento: qual o espaço que a literatura brasileira ocupa nesse contexto? E às escolas: qual é o papel dessas instituições de ensino no processo de formação do aluno-leitor numa sociedade com valores tão diferentes? Nosso grande desafio, enquanto professores de Língua Portuguesa, é justamente este: aprimorar e ressignificar a prática pedagógica e a importância da Literatura Brasileira, levando para as salas de aula conteúdos atualizados e contextualizados ao aluno-leitor. Contudo, indaga-se como envolver o aluno e instigá-lo a pensar sobre a sociedade atual por meio dos textos literários, incluindo conceitos humanizadores e fazendo-o refletir sobre o seu papel na sociedade.

Assim, nos proporemos a pesquisar e discernir sobre as razões lúdicas que encantam e aproximam o leitor ao texto, fazendo com que ele se identifique, aprimore seus conhecimentos e se reconstrua, gradual e continuamente, em um processo humanizador. Ou seja, como a Literatura pode capacitar seus leitores na superação das diferentes dificuldades da vida e, por outro lado, na harmonização das qualidades de cada pessoa. De tal maneira, faz-se importante compreender a intervenção e ou a prática pedagógica que auxilie o aluno/leitor (o sujeito/leitor) a desenvolver e sofisticar, por meio da ficção, sua reflexão crítica social, cultural, espiritual e ética. A experiência literária, nas palavras de Agazzi (2014, p.446), constitui-se um campo formador e transformador de cada leitor. Nesta linha, lembra-nos Candido (2011, p.172), que as pessoas possuem o direito à cultura literária, porque nenhum homem pode viver sem a Literatura, uma vez que ela é indispensável para a construção do equilíbrio social e humanizador de cada sujeito.

Deste modo, embasados nos pensamentos de Candido (1999; 2006; 2011), pesquisamos as funções da Literatura (sendo esta uma necessidade universal à ficção, uma contribuição na edificação da personalidade e um meio de se construir o conhecimento) e a sua natureza (como se apresenta e pode ser julgada no tempo e no modo de cada leitor). Como também, exploramos alguns recursos que a Literatura Brasileira oferece para a construção de

ensinos e aprendizagens humanizadores ao leitor. Dessa forma, nesta reflexão crítica, verificamos quais as funções e a natureza da Arte Literária na conscientização, na atualização e contextualização dos sujeitos/alunos/leitores, visando melhorar sua convivência social e seu desenvolvimento integral. Entremédio, a partir da contribuição dos textos e da ciência da interpretação pessoal de cada leitor, promover o estudo de como a Literatura pode auxiliar as pessoas na percepção dos seus saberes de senso comum ('ideias mágicas', doutrinadas, fundamentalistas, fragmentadas), superá-los (sem menosprezá-los), no intuito de construir conhecimentos sistemáticos, científicos, elaborados e úteis à vida. Por sua vez, este processo catártico na Literatura deve ser percorrido de modo prazeroso, no qual o leitor pode identificar-se, reconhecer suas emoções e hábitos e transformar continuamente seu pensamento, sua atuação e sua visão de mundo.

Para refletirmos sobre a construção de conhecimentos e a humanização dos alunos-leitores por meio da literatura, neste trabalho incluímos algumas reflexões sobre três contos brasileiros, feitas como parte de nosso embasamento teórico discursivo: 'Passeio Noturno' [Parte I] de Rubem Fonseca (1975), 'Nós, o pistoleiro, não devemos ter piedade' de Moacyr Scliar (1968) e 'Natal na barca' de Lygia Fagundes Telles (1971); – com o intuito de promover uma análise mais aprofundada entre estes contos e das situações-problema de cunho sociocultural que são abordadas por estes ao longo de seus contextos.

## 2 A LITERATURA NA FORMAÇÃO DO HOMEM E SUA HUMANIDADE

Em seu livro *A literatura e a vida social* (2006), Antonio Candido, denota aspectos sociais que envolvem a vida artística e literária em diferentes momentos e contextos históricos. Dois questionamentos apontados pelo autor são importantes e devem guiar nossa reflexão neste artigo: qual a influência exercida pelo meio social sobre a obra de arte e qual a influência exercida pela obra de arte sobre o meio? Para a obtenção destas respostas é de extrema importância a análise dos tipos de relações e os fatos estruturais ligados à vida artística, como causa ou consequência. Pensando a literatura como arte, a obra literária hermética apresenta fenômenos que a tornam tão social quanto a poesia política. Neste sentido, para entendermos a influência do meio sobre a obra e da obra sobre o meio, é importante que pensemos sobre as influências concretas exercidas pelos fatores socioculturais cujos mais decisivos se ligam à estrutura social, aos valores e ideologias, às técnicas de comunicação.

Sob esta perspectiva, ao se refletir sobre o trabalho com obras literárias no espaço de ensino-aprendizagem, sabe-se que muito é cobrado dos alunos – principalmente daqueles que estão no Ensino Médio – para que saibam o básico de literatura, visto que, esta é uma das exigências para serem aprovados em uma faculdade. Entretanto, quando o ato educativo não é exercido com reflexão-crítica, ministrando o sentido, o significado e a atualização dos conteúdos, a forma como a literatura é trabalhada acaba por ser mecanicista, para não dizer, superficial. Neste passo, pouco se explora dessa riqueza imensa que é a Literatura Brasileira e, menos ainda, ela reflete na vida social destes alunos.

Alguns autores como Morin (2005), defensores de uma sociedade mais consciente e participativa, são favoráveis à valorização de uma cultura humanística: “uma cultura que pela via filosófica, do ensino, do romance, alimenta a inteligência geral, enfrenta as grandes interrogações, estimula a reflexão sobre o saber...” (MORIN, 2005, p.17)

Morin (2005), em sua conceituação sobre o papel da escola na formação de um aluno mais humanizado, nos leva a uma reflexão importante acerca de como a escola trabalha a literatura nas salas de aula. Segundo o autor, a arte literária seria ensinada aos alunos como

forma de aquisição de boas notas para ingressarem nas universidades ou meramente para que as instituições alcancem índices mais satisfatórios em provas aplicadas pelo governo, como por exemplo, o ENEM. Estes processos se acentuam com maior frequência em escolas privadas, entretanto, seja em escolas particulares ou públicas, o que se percebe é um trabalho sem a devida preocupação pedagógica de se construir conhecimentos sensíveis, contextualizados e significativos aos alunos ao passo que, o ensino de literatura brasileira vai muito mais além, pois, ultrapassa os livros didáticos e adentra o campo da emoção, da vivência e da experiência humana em suas diversas manifestações: poemas, prosas, contos, obras de arte, música, dança e outros.

No livro *Linguagem e Silêncio*, de Steiner, logo no primeiro capítulo encontramos um título que nos auxilia a pensar as influências do meio sobre a literatura e da literatura sobre o meio. Em *Alfabetização Humanística*, Steiner escreve que a literatura lida com a imagem do homem, com a forma e o estímulo da conduta humana,

Ler corretamente é correr grandes riscos. É tornar vulnerável nossa identidade, nosso autodomínio... Quem leu *A metamorfose* de Kafka e consegue se olhar no espelho sem se abalar, talvez seja capaz, do ponto de vista técnico, de ler a palavra impressa, mas é analfabeto no único sentido que importa (1988, p. 29).

Este pensamento de Steiner se torna importante em nossa reflexão no momento em que pensamos a abordagem literária no ambiente escolar como instrumento que auxilia na formação do pensamento reflexivo de nossos alunos. Entretanto, é necessário lembrarmos que Goebbels, braço direito de Hitler e principal nome do nazismo alemão era doutor em filosofia e pós doutor em literatura e, como ele, tantas outras pessoas que integram o universo literário e filosófico acolheram e realizaram barbáries como o holocausto; nesse sentido, Steiner lança uma reflexão sobre o horror da Segunda Guerra Mundial: “Os gritos dos assassinados ecoaram a pouca distância das Universidades; o sadismo aconteceu a uma quadra dos teatros e museus” (1988, p. 15). Sendo assim, qual a responsabilidade da literatura em nossa sociedade e, no caso específico deste estudo, em nossas escolas?

O que Steiner afirma é que o ato de ler deve ir além da simples assimilação no campo técnico, este deve ultrapassar o entendimento e se expressar na esfera do sentir, ou seja, a alfabetização humanística se apresenta quando no ato de leitura emerge o profundo sentimento que esta deve ocasionar ao homem, causando uma desestabilização do leitor. Entretanto, para alcançarmos esta alfabetização, tornam-se necessários professores embasados na crítica literária, pois ela é a responsável por ensinar-nos a ler como “seres humanos completos”.

Assim, ao se refletir sobre o trabalho com obras literárias no espaço de ensino-aprendizagem, podemos associar as ideias de Steiner às de Morin (2005), pois, ambas apresentam uma literatura que aponte para a formação de uma consciência social e que possibilite por meio da ficção sua reflexão crítica social, cultural, espiritual e ética. Por fim, a Literatura, sendo um bem universal, instiga seus leitores à compreensão e à ampliação dos seus universos, deste modo, valorizando as conquistas e combatendo os diferentes males - como o preconceito, as projeções de culpa, as violências e as manipulações.

Segundo Candido (2011), em seu ensaio ‘Direito à Literatura’, a fruição da arte e da literatura, em todas as modalidades e em todos os níveis, é um direito inalienável e, igualmente, concebida como fator indispensável de humanização. Sendo assim, a literatura é constituída, não somente como direito, mas, como uma necessidade de equilíbrio do homem e da sociedade.

Entendo por humanização o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 2011, p. 180).

Deste modo, Candido (2011) afirma que a Literatura é um direito e uma necessidade comum ao ser humano; nenhum povo ou homem pode viver sem a literatura. Portanto, “parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito” (p.175). Afinal, quem não gosta de ouvir, ou até mesmo contar ou escrever, uma boa história? Assim, a literatura constitui-se parte integrante do cotidiano das pessoas, complementa e garante contentamento às relações humanas. Desta forma, a literatura faz-se presente no cotidiano da população – nas propagandas, nas letras das músicas, nas telenovelas, nas anedotas do vovô no fim de tarde, etc., tranquilizando o psíquico e justificando, quase que desculpando, os desconcertos do dia. Agora, no campo pedagógico, compete ao educador criar estratégias e instrumentos de ensino-aprendizagens que instiguem o alunato a se aproximar e a se beneficiar das múltiplas (e ‘mágicas’) literaturas que despontam (também) dos livros. Dessa maneira, o professor atualizado e preocupado em contextualizar, significar e ressignificar os conteúdos literários aos seus alunos, terá o compromisso profissional de promover um ensino-aprendizado pautado no diálogo, no levantamento dos pré-conhecimentos discentes, no confronto das ideias, no

questionamento das hipóteses e, entre outras atribuições, na gradual e contínua construção dos conhecimentos.

Aqui, faz-se uma ressalva quanto à construção dos conhecimentos: também pertence ao educador o dever de reconhecer e auxiliar seus alunos a distinguirem seus saberes de ‘senso comum’ e, sem menosprezar tais conteúdos, provocar a sua superação. Entende-se por ‘senso comum’ os saberes formulados pelo doutrinamento e pelo fundamentalismo, cobertos de preconceitos e imaturidades socioculturais, fadados à fragmentação e ao autoritarismo. Para que a superação dos saberes de ‘senso comum’ ocorra, dentro de um processo educacional, será necessário fazer uso do questionamento dialógico e do confronto dos diferentes pensamentos, contudo, sempre com o apoio histórico, crítico, reflexivo e mediador de um intelectual educador. O professor Saviani (2008) propõe que a superação dos saberes de ‘senso comum’ poderá conduzir o aprendiz à construção do ‘bom senso’ – no pensamento gramsciano – ou ‘conhecimento científico’ ou ‘conhecimento filosófico’. Por ‘científico’ ou ‘filosófico’ entende-se o conhecimento elaborado, sistemático, capaz de propor e aperfeiçoar habilidades, capacidades e competências reais e significativas aos sujeitos. Lembrando que, a superação do ‘senso comum’ e a construção do ‘conhecimento científico’ constituem um processo contínuo e, de acordo com as possibilidades, ininterrupto na vida dos estudantes, pois, o que o sujeito sabia ontem – a partir de um estudo mais aprofundado – ele poderá conhecer ainda melhor hoje e, assim, ininterruptamente.

Neste passo, a literatura – enquanto universal e atemporal – também é um modo de compreender o ser humano e, conseqüentemente, sua evolução. E quando se fala em compreender, diz-se de lançar compreensão de si mesmo e do outro. Ou ainda: a partir do texto literário, podemos discernir melhor sobre nossas próprias escolhas e sobre as das pessoas que convivem conosco.

Sobre escolhas, considerando a literatura um bem incompressível, Candido (2011) esclarece que todo sujeito deve ter a oportunidade de aproximação e interiorização de ‘obras eruditas’ e de ‘obras de massa’, conscientemente ou não, que contribuam em seu complexo processo humanizador. Assim, diz o autor:

...verifiquei que a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. Em segundo lugar a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a

mutação espiritual. Tanto num nível quanto no outro ela tem muito a ver com a luta pelos direitos humanos (CANDIDO, 2011, p.186).

Ou seja, nas palavras de Candido (2011), referidas acima, “a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento” (p. 186), de confronto com a realidade por vias ficcionais. Isto é, “ao confirmar a humanidade no homem” (p. 81), Candido (1999) avalia a literatura como um espaço discursivo-pedagógico que “exprime o homem e depois atua na própria formação do homem” (p. 82).

A literatura – enquanto instrumento tecnológico de linguagem – tem um importante papel na transmissão do saber e da cultura, pois, de geração em geração, o ser humano pôde reconhecer a história, a política, as conquistas, os fracassos e, entre outras observações, a evolução do pensamento e o enriquecimento do conhecimento dos seus antepassados. O progresso das civilizações e o avanço cultural promoveram no ser humano, em um processo nem sempre contínuo e gradual, satisfação tecnológica e alegria intelectual.



### 3 A LITERATURA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Para o crítico literário, Roland-Barthes, em seu livro *O prazer do texto* (1987), um dos maiores prazeres da leitura está em o autor não conseguir prever a leitura que o leitor faz do texto escrito (p. 9). Assim, a cada leitura haveria uma atualização da obra e esta nunca estaria encerrada, mas sempre em movimento. Consoante ao pensamento de Barthes, Sartre, em seu livro *O que é a literatura?* (2004), nos revela que a obra de arte só se torna completa a partir deste contato leitor/obra e que é de interesse do escritor provocar em seus leitores o prazer estético ou a alegria estética (p. 47).

Em Barthes, temos uma diferenciação entre prazer e fruição. Segundo o autor, o texto que provoca prazer é aquele que corresponde às expectativas do leitor e o texto que provoca fruição é aquele que o desestabiliza, quebra suas expectativas, lhe apresenta paradigmas. Assim, a literatura tem esse efeito/função de transformação das ideias e aprimoramento dos conhecimentos na vida dos leitores, pois, a cada leitura ou releitura, o leitor poderá construir um conhecimento ‘filosófico’ novo e tomar para si a atualização de um novo pensamento ou – até mesmo – configurar e reconfigurar seu próprio comportamento.

Pensando no ambiente escolar e firmando a literatura como um direito inalienável, esta passa a ter a função de auxiliar os alunos-leitores na gradual e contínua construção de conhecimentos, entretanto, como apresentá-la ao aluno de forma agradável é um questionamento constante em sala de aula.

O educador intelectualmente preparado terá maior habilidade e competência em instigar seus alunos à aproximação de leituras clássicas. Isso será possível por meio do desmascaramento sócio-histórico, do desvelamento ético-cultural, desmistificando os conteúdos e despertando a sensibilidade discente para a realização de leituras e releituras das

linhas e das entrelinhas, dos pressupostos e subentendidos textuais e par

atextuais ao aluno-leitor. O professor, curioso e pesquisador, deve constituir-se promotor de alunos igualmente pesquisadores e curiosos pelos textos. Estas descobertas – no modo e no tempo particular de cada leitor – é que poderão garantir prazer ao ato da leitura; desta forma, deve-se respeitar as faixas etárias e promover leituras adequadas a cada fase do alunato; também se deve refrear a prática da leitura por obrigação ou imposição.

Os espaços pedagógicos literários, as Salas de Leitura, entre outros recursos disponíveis a garantir tempo e empenho à leitura, podem ser disponibilizados de modo a motivar o contato do aluno-leitor com as obras. Mesmo o contador de histórias na Sala de Leitura poderá fazer uso de diferentes instrumentos educacionais que despertem o interesse e a vontade do aluno em manusear os livros e demais diferentes textos. Promover e mediar Rodas de Conversa literárias – no intuito de partilhar os diferentes pontos de vista, dialogar sobre compreensões pessoais, coparticipar das descobertas – constitui-se um recurso pedagógico útil para organizar as ideias e desenvolver os conhecimentos discentes adquiridos. Para isso, estes espaços e instrumentações pedagógicas, devem acontecer de modo lúdico, divertido, no qual a pesquisa e a experiência do contato com os textos conduzam os alunos-leitores a se identificarem com os personagens, ressignificarem seus hábitos e atualizarem seus conhecimentos – concomitantemente, humanizando-se. Bertolt Brecht, um dos maiores dramaturgos e pesquisadores do teatro alemão, acreditava na aplicação dos conceitos de Marx na sociedade através de uma estética prazerosa em que o telespectador pudesse aprender ao mesmo tempo em que se divertia. Brecht refuta a ideia de que “é possível que aprender seja útil, mas só divertir-se é agradável” (BRECHT apud SOUZA, 2005, p.19).

Os espaços educacionais provocadores de leitura não bastam para garantir o prazer por ler – precisa-se, a eles, conciliar a crítica reflexiva às edificações socioculturais. Para tanto, Perrenoud (2000) afirma que a escola – ao reproduzir as realidades sociais – pode acabar por reforçar e confirmar as estruturas das classes privilegiadas. Desta forma, para que a escola eleve seu nível de ensino-aprendizagem, deve dispor de educadores que motivem seu alunato à reflexão e à crítica. Deste modo, visando à promoção integral do aluno, esta reflexão-crítica somente será eficaz se construída em uma pedagogia de confronto e de questionamento dos significados, dos hábitos, dos comportamentos e dos valores que cada um destes alunos, na heterogeneidade, é capaz de interpretar. Neste pensamento, lembramos Paulo Freire, em seu texto *As virtudes do educador* (1982) em que saber trabalhar a tensão entre a palavra e o silêncio se torna uma virtude que deve ser criada pelo professor. Para uma leitura ser interessante e as reflexões sobre ela se tornarem interessantes, é importante que o professor permita a fala do aluno; que discursar com o aluno e não para o aluno. (p. 2). Para o autor, o professor é o profissional intelectual competente que vai mediar e articular as reflexões e as críticas entre as realidades sociais e a realidade dos seus alunos; é aquele que trabalha de forma crítica a tensão entre a subjetividade e objetividade, entre consciência e mundo, entre ser social e consciência, ou seja, no processo educativo o educador será aquele que auxilia o aluno a se reconhecer como sujeito histórico que tem a capacidade de perceber a realidade que o cerca e transformá-la, reconhecendo as diferenças e transformando-as.

Perrenoud (2000) afirma que, “para aprender, jamais é supérfluo compreender o sentido daquilo que se aprende” (p. 66); ou seja, por meio de abordagem pedagógica crítico-reflexiva, o conhecimento precisa se ligar

(...)a outras atividades humanas, que se compreenda por que foi desenvolvido, transmitido, por que é conveniente apropriar-se dele. O sentido não é necessariamente utilitarista; pode dizer respeito à estética, à ética, ao desejo filosófico de compreender o mundo ou de partilhar uma cultura... (PERRENOUD, 2000, p.66).

O educador pode contribuir para que o aluno identifique a vida, saiba questioná-la, também, por meio dos textos literários – sejam leituras realizadas no livro, no *tablet*, no celular, no computador, na apostila, entre outros suportes de divulgação dos textos – que lhes motivem curiosidade, superação de ignorâncias, entre outras construções significativas e contextualizadas à sua humanização. A importância permanece em garantir a interação e integração do aluno-leitor com os textos, firmando-lhe competências críticas e reflexivas na ampliação dos pensamentos, dos sentimentos e das emoções sobre os conteúdos.

Um mesmo texto literário pode proporcionar aos seus leitores instrução, construção de conhecimentos e o adentrar no processo humanizador. Isso ocorre porque a literatura pode, inclusive, ampliar o universo do seu leitor. Uma situação capaz de exemplificar essa proposição é que mesmo o leitor que nunca se casou, ou não teve filhos, poderá apreciar e se confrontar com estes temas através da leitura, pois, a literatura irá conduzi-lo não só ao confronto, mas, também, ao questionamento destas situações por meio da imaginação. Tudo trabalhado, infiltrado no campo hipotético e insinuado à vida real. Isto é, este leitor, por sua vez, não terá experiências diretas com um esposo/esposa nem com filhos/filhas, porém, mesmo assim, o testemunho criador do escritor poderá produzir no leitor as informações e conhecimentos interessantes e necessários para essa interação entre imaginação e realidade. Consecutivamente, ao se envolver com aquele texto que fala de casamento e filhos, do exemplo apresentado, pela ficção, o leitor poderá incorporar tais conteúdos, trabalhá-los a partir dos seus conhecimentos prévios, propor novas hipóteses, atualizá-lo e ressignificá-lo (a partir dos seus referenciais) e construir um saber sobre ele. O processo humanizador ocorre durante a construção do conhecimento filosófico nos sujeitos – em uma pedagogia catártica na qual aquilo que o sujeito pré-conhecia, depois da interação com o texto, passará a conhecer melhor.

Apropriar-se do texto é um processo de diálogo entre o leitor e o texto: os sujeitos, sem precisarem passar por experiências concretas, acionam, por meio dos conhecimentos prévios e das experiências sugeridas e transmitidas nos textos, os mecanismos de interpretação que podem ser imprescindíveis na formação personalística, humanizadora para eles. Deste modo, compreender experiências ficcionais impressas nos textos pode tributar aperfeiçoamentos vivenciais afinando as posturas sociais, superando a ignorância da natureza humana, transpondo os preconceitos, enfim, no humanizar do humano de cada aluno-leitor. Portanto, é função da literatura, também, oferecer chaves interpretativas que auxiliem o leitor a compreender, no contexto (entre os fatos e personagens fictícios), o senso, a visão a partir de dentro, o discernimento significativo e atual à sua própria vida.

No que tange ao domínio competente da tecnologia da linguagem e à interpretação científica textual, afirma-se que, os diferentes espaços acadêmicos constituem-se ambientes privilegiados no ensino-aprendizagem. Agazzi (2014), nesta linha, lembra que a escola deve se preparar para superar alguns problemas de percurso: não estar aparelhada para enfrentar a realidade dos alunos, professores desestimulados à formação continuada, educadores pouco

crítico-reflexivos e criativos, entre outras dificuldades em se qualificar o trabalho escolar. Mais propriamente no que diz respeito à Literatura, a autora também cita que as escolas exigem uma “grande quantidade de conteúdos, mas pouca reflexão” (p. 452). Na tentativa de superar o problema, sugere Agazzi:

...é preciso que o professor pense e repense suas práticas a partir da reflexão crítica sobre sua concepção de ensino da literatura, é necessário que ele mesmo experimente plenamente os textos literários ao longo da sua formação inicial – e continuada –, a fim de que se cumpra uma educação literária na dinâmica do cotidiano e na história (AGAZZI, 2014, p.456).

Deste modo, com a transmissão cultural e histórica, a literatura se incumbe de ensinar o ser humano a se compreender, a se humanizar com o objeto de sua própria pesquisa: o humano. E quanto mais o humano se conhece e se reconhece, amplia-se a possibilidade de ser mais feliz porque, ao se compreender, o ser humano pode aprimorar seu talento, aferir sua dignidade, lapidar sua personalidade, sondar seu temperamento, amadurecer até mesmo com suas derrotas. Diferente do animal que age por instinto e permanece preso em um mecanismo cíclico em sua existência, o ser humano pode refletir sobre a vida com o auxílio, inclusive e de modo sublime, dos textos literários – conseqüentemente, desenvolvendo-se com relativa felicidade por se perceber capaz e habilitado a superar ideias rudimentares e construir conhecimentos filosóficos. Assim sendo, a literatura colabora com o processo de humanização – espiritual e intelectual, cultural e histórico – porque auxilia a pessoa – o aluno-leitor – a sair do processo cíclico instintivo e, ao mesmo tempo, provoca-lhe o potencial de diversificar sua compreensão de si e do mundo. Neste processo, o sujeito pode com o auxílio dos textos, por catarse, ir construindo sua autonomia, edificando sua personalidade, discutindo seus valores, estendendo seu pensamento às necessidades de seus semelhantes, enfim, se autoprovocando na elaboração do seu próprio ‘eu’ – portanto, humanizar-se, também constitui o realizar-se.

## **4 RESSIGNIFICANDO A OBRA LITERÁRIA**

Ao prover um ensino-aprendizagem – com provocação humanizadora – deseja-se não apenas que o aluno-leitor se identifique ou se apaixone pelos textos ou personagens, mas também que ele construa conhecimentos que sirvam ao seu amadurecimento (individual e coletivo) integral. Assim, por meio da Literatura, o aluno pode ser motivado a aprender a ter compaixão (isto é, colocar-se no lugar do outro), em um processo contínuo e gradual de resgate humanizador.

É importante lembrar aqui o conto de Lygia Fagundes Telles (1971), ‘Natal na Barca’, no qual a protagonista-narradora descreve, em quatro páginas, sua própria história e, entrelaçada com seu momento/sua travessia, a história ficcional de outras quatro personagens.

O conto narra a história de uma mulher e as tragédias pelas quais passou: a morte do primeiro filho, o abandono pelo marido e uma fé que a acompanha em toda a sua trajetória. Os fatos narrados aconteceram no Natal, durante uma viagem de barca, em um cenário lúgubre. A barca tem quatro passageiros: a narradora, um velho bêbado e uma mulher com o filho doente, uma criança de quase um ano de idade. O motivo que leva a mulher a estar na barca é a urgência de levar o filho doente ao médico. No final da travessia o leitor se depara com um acontecimento místico que representa a força da fé da personagem protagonista.

Unido a isso, a escolha das palavras e a estrutura sintática vai fazendo com que o leitor intua compreensão sobre a personalidade e a intenção destes personagens na obra. O texto faz com que o leitor se encontre com o processo humanizador diferenciado do e no outro; faz com que o leitor interrogue-se e compare-se com as situações-problema e reflita a possibilidade de separar o definido do indefinido: distinguir o terno do mortal. O leitor irá se perguntar: “será que as necessidades e interesses do outro também são as minhas?” Neste momento lembramos Barthes (1987)

O brio do texto (sem o qual, em suma, não há texto) seria a sua vontade de fruição: lá onde precisamente ele excede a procura, ultrapassa a tagarelice e através do qual tenta transbordar, forçar o embargo dos adjetivos – que são essas portas da linguagem por onde o ideológico e o imaginário penetram em grandes ondas.

Contudo, é nesse processo de questionamento, interpretação e identificação contextual que o leitor vai alicerçando, alinhavando e afinando a construção de sua própria humanização. Para isso – como exemplo – basta lembrar no conto a personagem-narradora que, por metáfora, tenta, em um primeiro momento, realizar sua ‘viagem’ de modo individual e egocêntrico. Porém, as situações-problema da ‘travessia’ mitológica narradas, acabam por impelir a personagem-narradora a se envolver no campo terreno e transcendente com os demais personagens, deste modo, transformando suas atitudes defensivas e sua visão preliminar dos fatos. Por isso, o conto constitui-se uma representatividade da elaboração do conhecimento realizado por meio do resgate humanizador do leitor.

No campo pedagógico, quando falamos em literatura e em o que está à sua volta, um dos maiores empecilhos está na dificuldade para apresentar essa ‘ideia de literatura’ dialógica para os alunos, que cada vez mais são reféns da tecnologia e das informações adquiridas em redes sociais, blogs e postagens aleatórias da internet. Transformar a ‘informação’ em ‘conhecimento’ elaborado, portanto, constitui-se um desafio cada vez maior ao professor. Os adolescentes perderam a curiosidade para transformar informações em conhecimentos, pois,

faltam-lhes diferentes instigações culturais, sociais e pedagógicas. Então, o que fazer diante de uma situação em que o adolescente pode simplesmente deixar a leitura literária em segundo plano e se restringir aos entretenimentos oferecidos pela tecnologia (a indústria de videogames está entre as mais lucrativas do mundo) é um questionamento presente no professor.

Ao entrarmos em uma sala de aula com a intenção de abordar o mundo da literatura brasileira, ou até mesmo estrangeira, precisamos ter em mente que cada um de nossos alunos carrega em si uma história, uma bagagem, momentos passados e presentes que fazem parte de quem são; sendo essa parte importante para que possamos trabalhar a literatura. Outra coisa que precisamos ter em mente é que um professor que não lê, que não assimilou o conteúdo que pretende ensinar, conseqüentemente, não conseguirá demonstrar reflexão e crítica humanizadora no momento da prática educativa.

Para tanto, deve-se incorporar obras clássicas da literatura brasileira e internacional, contextualizando e ressignificando tais histórias, aproveitando os conflitos dramáticos destes arcos criados pelos autores, em benefício de se produzir conteúdos atualizados para o aluno, como se fossem histórias novas e refrescantes. Deste modo, constrói-se uma curiosidade discente acerca de fatos e personagens fictícios, imprimindo-lhes ligação com suas próprias vidas.

Outra forma é transformar histórias de curta duração e de fácil interpretação em peças de teatro. Os livros ‘O Auto da Barca do Inferno’ de Gil Vicente e ‘A Hora da Estrela’ de Clarice Lispector são histórias com potencial dramático que podem prender a atenção do aluno, pois, se utilizam de temas interessantes ao universo jovem, como morte, paraíso, inferno, estrelato e amor. Assim, podemos citar Barthes ao dizer que “o velho mito bíblico se inverte, a confusão das línguas não é mais uma punição, o sujeito chega à fruição pela coabitação das linguagens, que trabalham lado a lado: o texto de prazer é Babel feliz” (1987, p. 7).

Contudo, não se pode esperar que todos os alunos assimilem a leitura da mesma forma, por isso, precisa-se sempre pesquisar novas abordagens pedagógicas no intuito de tornar a aula mais dinâmica e mais promissora, ou seja, não se pode deixar que o voo literário, que tantos queremos, fracasse antes mesmo de sair da pista de decolagem.

Ao pensarmos em quais contos seriam necessários para despertar no aluno o sentimento leitor, percebemos que o conto ‘Natal na Barca’ de Lygia Fagundes Telles (1971) seria de grande interesse, pois, conta a mítica travessia de personagens por uma barca em uma



noite de natal. Tais personagens são mostrados com uma sutileza e humanidade marcantes. Quem nunca esperou o pior de uma situação que parecia não ter saída? Quantas vezes nos vimos cercados de uma escuridão que parecia não ter fim? Os personagens principais da narrativa se veem presos sem esperança na noite: “Ali estávamos os quatro, silenciosos como mortos num antigo barco de mortos deslizando na escuridão. Contudo, estávamos vivos. E era Natal”.

A analogia da barca pode ser usada quando o sujeito percebe a vida como uma ‘viagem’ envolta em diferentes paisagens que possibilitam distintas interpretações, assim descritas ao fim do conto: “Duas vezes voltei-me ainda para ver o rio. E pude imaginá-lo como seria de manhã cedo: verde e quente. Verde e quente”.

O conto ‘Nós, o pistoleiro, não devemos ter piedade’ de Moacyr Scliar (1968), inicia-se em um bar no Texas. Um pistoleiro está bebendo e refletindo sobre a vida e seus remorsos quando é interrompido por um outro pistoleiro que o provoca. Os dois darão início a um duelo que acarretará na morte de um dos personagens. Ao sugerir a realidade circunscrita em um cenário de faroeste americano, o autor incita o aluno-leitor ao lúdico e, ao mesmo tempo, a ponderar e questionar, por meio do texto fictício, as suas próprias atitudes e hábitos (corretos ou equivocados, morais ou ignorantes) e ressignificar suas expressões e impressões sobre a vida.

Scliar (1968) ainda oferece, por meio deste conto, exemplo dessa apropriação dialogal com o texto, uma vez que, o leitor não precisa passar concretamente pelo sentimento de piedade vivido pelo personagem e pela situação de morte para compreender os riscos de vulnerabilidade que determinadas paixões podem ocasionar. O conto ficcional conduz o leitor no confronto com suas vivências reais, no questionamento das suas posturas emocionais e, em um ziguezaguear entre a ficção e a realidade, a ressignificar seus hábitos e valores. Assim, poderá se questionar o aluno-leitor: as leis socioculturais estão realmente acima da necessidade da sobrevivência humana? Aqui, lembramos a partilha de Sartre em seu pensamento sobre o que é literatura

E se esse mundo me é dado com suas injustiças, não é para que eu as contemple com frieza, mas para que as anime com minha indignação, para que as desvende e as crie com sua natureza de injustiças, isto é, de abusos-que-devem-ser-suprimidos. Assim, o universo do escritor só aparecerá em toda a sua profundidade no exame, na admiração, na indignação do leitor; e o amor generoso é promessa de manter, e a indignação generosa é promessa de mudar, e a admiração é promessa de imitar. (2004, p. 51)

Nesse sentido, também Brecht desenvolve sua obra. Nos estudos de Souza (2005), ela apresenta que o dramaturgo alemão busca, no palco, uma tese que encontraria, no espectador uma antítese e culminaria com a atuação do espectador como transformador do mundo, a síntese esperada. No conto de Scliar, a narrativa propõe-se como tese que, pelas questões textuais apontadas e o inusitado do duelo e morte, provocam a existência de uma antítese, assumida pelo aluno-leitor. Como síntese desse encontro, espera-se a formação de um leitor que, após essa experiência, transforme seu entorno em um ambiente mais humanizado, pois se deparou com a crueldade na ficção.

Esses pontos demonstram o pacto, já apresentado neste trabalho, entre leitor e escritor. O escritor necessita da existência de um leitor porque é através dele (leitor) que a obra se completa, atinge a plenitude. É no ato de leitura que o leitor empresta à obra seus mais variados sentimentos e nesta doação o texto atinge seu ápice como se o escritor desse voz ao pensamento do leitor.

O conto ‘Passeio Noturno’ [Parte I] de Rubem Fonseca (1975), vemos um homem de negócios, bem sucedido, e que vivia com sua família e seus luxos. Todas as noites, o grande prazer da vida deste homem é sair para passear de carro e distrair a cabeça. Ele sempre convida a esposa, entretanto, sabe que ela prefere ficar em casa. Então, nas noites cariocas, o homem procura uma rua que seja escura, sem movimento e escolhe sua vítima. Acelera o carro e a atropela. Volta para a casa e para sua família satisfeito. Nesta história, o autor rompe a ficção para postular um efeito-causa na realidade. Neste ponto, lembramos Steiner em *Linguagem e Silêncio*, que nos alerta que “Ler corretamente é correr grandes riscos. É tornar vulnerável nossa identidade, nosso autodomínio” (1988, p. 29). Tal efeito instiga o aluno-leitor a confrontar com suas experiências os valores (ou contra valores) assinalados no texto: do capitalismo, do consumismo, das convenções sociais, da falta de comunicação familiar, dos conflitos existências e, entre outros comportamentos cíclicos, da rotina de ansiedades sem sentido aparente.

Entrelaçado ao assunto, no conto, encontram-se estes posicionamentos literários de denúncia sociocultural e provocação ético-cidadã. De tal modo, o leitor depara-se com a representação do ponto extraordinário da ‘coisificação’ dos sujeitos, de como uma pessoa pode valer muito menos que um animal que foi, por mera fatalidade, ferido pela vida. Nesta questão, por exemplo, o professor poderá mediar e comparar a tensão exercida pelo personagem-narrador, que antecede o crime violento ao orgulho arrogante de alívio do retorno

ao lar, com um hábito simples, comum em algumas famílias: o da ida ao bar, do afogar ‘as mágoas’ na bebedeira e voltar para casa como se nada tivesse sido destruído.

Portanto, a leitura pode proporcionar aos alunos-leitores momentos de desmistificação, pois, poderá mostrar-lhes que, transpondo as ideias de um determinado texto, há inquietantes conteúdos no mundo em que vivem. Ao utilizar os contos que ministram o emocional, o cultural e o intelectual dos alunos, consegue-se despertar neles a continuidade dos aprendizados e a relação de prazer com o texto: de meros espectadores para integrantes da história. O medo das personagens se torna medo deles, a busca pela esperança se torna a busca deles, e a realidade se une às linhas da narração. E cada aluno-leitor é convidado a construir conhecimentos e aprimorá-los na mesma proporção que se humaniza.

## 5

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ser humano é mais amplo que seu papel social determinado e se define além dos enquadramentos de seu trabalho. Cada pessoa é capaz de transcender os estereótipos e superar os estados de coisificação que lhes são impostos. Neste trabalho, nos propusemos a demonstrar que a Literatura se constitui um imprescindível instrumento conscientizador, denunciador e provocador de humanização, conhecimentos e autoconhecimento ao aluno-leitor, porque ela é um inestimável prolongamento da construção dos conhecimentos e um importante agente comunicador à humanidade de cada sujeito: propondo realização ao leitor enquanto o humaniza.

A Literatura possibilita, em um modus pedagógico, checando o real com o fictício (e vice-versa), que os alunos-leitores possam rir de si mesmos, chorar de suas próprias tragédias, questionar seus equívocos, confrontar suas realidades e, em um embate sociocultural catártico, suplantar o egoísmo e a ignorância. Assim, o espaço familiar e o espaço escolar devem interagir para garantir o sucesso do ensino e do aprendizado literário discente.

Segundo Thurler (2001) a construção de conhecimentos sistemáticos do aluno dependerá da maneira como o professor concebe e administra a prática pedagógica. Neste sentido, reforçamos o pensamento de Thurler (2001), e também consideramos o espaço escolar como um lugar privilegiado para a construção de sujeitos ([professores e alunos] competentes, capazes e hábeis) colaboradores nos ensinamentos e nas aprendizagens. Em uma tentativa de ministrar respostas aos problemas do aluno (a partir da visão colaborativa do profissional da educação), a autora concebe que este educando pode se tornar um leitor por meio de um espaço escolar que se ‘organize aprendente’.

Consonante ao pensamento de Thurler (2001), e de todos os autores citados até aqui, entendemos que tanto os professores como os alunos podem organizar seus trabalhos de modo filosófico, flexível, negociável (dialógico) e coparticipado. A escola necessita ser um espaço humanizador (formador de opinião, elaborador de autonomia, de protagonismo do alunato, de responsabilidade e de cobrança coerente de resultados), contudo, jamais um espaço mecânico ou de reprodução de conteúdos. Assim, os alunos devem ser percebidos como sujeitos competentes em construir, pessoal e coletivamente, uma formação equilibrada, ou seja, sujeitos-alunos que participem da definição de seus objetivos acadêmicos, da seleção de materiais ou mesmo do planejamento da rotina educacional.

Portanto, com a mediação de educadores, geradores de prazer pela leitura, os textos literários se constituem imprescindíveis instrumentos de superação do senso comum, sem menosprezá-los, e de construção de conhecimentos filosóficos. Do mesmo modo, ao provocar inquietude apaixonada, a literatura também se constitui indispensável na organização dos sentimentos, no questionamento dos hábitos, no confronto sociocultural, na formação de sensibilidade à alma, enfim, na provocação de humanidade pelo próprio humano.

## REFERÊNCIAS

AGAZZI, Giselle Larizzatti. *Problemas do Ensino da Literatura: do Perigo ao Voo Possível*. Remate de Males. Depto.de Teoria Literária, IEL, UNICAMP, Campinas, Vol.34, nº 2, jul./dez2014, p.443-458. Disponível em:<<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/remate/article/view/4127>> Acesso em: junho 2018.

BARTHES. Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.

CANDIDO, Antonio. *A Literatura e a Formação do Homem*. Remate de Males. Depto.de Teoria Literária, IEL, UNICAMP, Campinas, nº especial, 1999, p.81-90. Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/remate/article/viewFile/3560/3007>> Acesso em: junho 2018.

\_\_\_\_\_. *O Direito à Literatura*. In: Vários escritos. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011, p. 169-191. Disponível em <<https://culturaemarxismo.files.wordpress.com/2013/08/candido-antonio-o-direito-c3a0-literatura-in-vc3a1rios-escritos.pdf>> Acesso em: junho 2018.

\_\_\_\_\_. *A Literatura e a Vida social*. In: *Literatura e sociedade*. 9.ed.rev. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006, p.27-49. Disponível em <[http://dspace.universia.net/Bitstram/2024/1561/1/Antonio\\_Candido\\_-\\_Literatura\\_e\\_Sociedade.pdf](http://dspace.universia.net/Bitstram/2024/1561/1/Antonio_Candido_-_Literatura_e_Sociedade.pdf)> Acesso em: junho 2018.

CASTILHO, Adolfo. *Indústria de videogames*, 2015. Disponível em <https://cepein.femanet.com.br/BDigital/arqTccs/1211390345.pdf> . Acesso em junho 2018.

COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. Disponível em <[http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/3098/mod\\_resource/content/1/Compagnon%20Antoine.%20Literatura%20para%20qu%AA.pdf](http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/3098/mod_resource/content/1/Compagnon%20Antoine.%20Literatura%20para%20qu%AA.pdf)> Acesso em: junho 2018.

FONSECA, Rubem. *Passeio Noturno* (Parte 1). In: *Feliz Ano Novo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975. Disponível em: <<http://pedrolusodcarvalho.blogspot.com.br/2011/11/conto-rubem-fonsecapasseio-noturno.html>> Acesso em: junho 2018.

FREIRE, Paulo. *Virtudes do educador*. In: *Folhetos*. Editora Vereda, 1982. Disponível em: <<http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/cmet/material/Paulo-Freire-Virtudes-do-Educador.pdf>> Acesso em: junho de 2018

MORIN, Edgard. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, repensar o ensino*. 11ª ed., Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

\_\_\_\_\_. *Ensinar a Condição Humana*. In: *Os sete saberes necessários à Educação do Futuro*. São Paulo: Cortez, Brasília, DF, UNESCO,2000.

PERRENOUD, Philippe. *Pedagogia Diferenciada – das intenções à ação*. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações*. 10ª ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

SCLIAR, Moacyr. *Nós, o pistoleiro, não devemos ter piedade*. In: *Carnaval dos animais*. Porto Alegre: Movimento, 1968. Disponível em: <file:///D:/Users/Marcos/Downloads/N%C3%B3s,o%20pistoleiro,%20n%C3%A3o%20devemos%20ter%20piedade.pdf> Acesso em: junho 2018.

SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?* São Paulo: Editora Ática, 2004.

SOUZA, Maurine. *O hibridismo de gêneros literários como procedimento dialético e fator de distanciamento no teatro de Bertolt Brecht*. Universidade Federal do Paraná. Curitiba: 2005. Disponível em <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/4257/disserta%C3%A7%C3%A3o%20Maurini.pdf?sequence=1>> Acesso em: junho 2018.

STEINER, George. *Alfabetização humanista*. In: *Linguagem e Silêncio – Ensaio sobre a crise da palavra*. Companhia das letras. 1988. <Disponível em <http://www.ebah.com.br/content/ABAAABup4AG/linguagem-silencio>> Acesso em: junho 2018.

TELLES, Lygia Fagundes. *Natal na barca*. In: *Antes do baile verde*. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio Ed., 1971, p. 87-91. Disponível em <[http://www.escoladacrianca.com.br/sites/default/files/Antes%20Do%20Baile%20Verde%20-%20Lygia%20Fagundes%20Telles\\_1.pdf](http://www.escoladacrianca.com.br/sites/default/files/Antes%20Do%20Baile%20Verde%20-%20Lygia%20Fagundes%20Telles_1.pdf)> Acesso em: junho 2018.

THURLER, Mônica Gather. *Inovar no interior da escola*. Porto Alegre: ArtMed, 2001.